

A CHINA E O ELEMENTO SURPRESA

Por George Friedman, publicado originalmente no Geopolitical Futures.*



Imagem: Shutterstock.

Não obstante a retórica e as ações que remetem ao incremento das possibilidades de uma guerra iminente entre a China e os Estados Unidos, o autor deste artigo aponta que existe uma opção política, depois de analisar diversas alternativas.

Uma guerra entre a China e os Estados Unidos seria uma guerra entre potências semelhantes. Isso não quer dizer que tenham poderes idênticos; todas as nações diferem em termos de geografia, estratégia, mão de obra, armamento e assim por diante. Mas são iguais no sentido de que, ao menos superficialmente, cada um parece perfeitamente capaz de derrotar o outro. O planejamento antes da guerra torna-se ainda mais importante à medida que cada lado busca identificar a fraqueza de seu inimigo e implantar a força necessária para derrotá-lo rapidamente. O desejo da potência atacante é desferir um golpe tão poderoso e tão prejudicial que o inimigo capitule ou negocie um acordo satisfatório. O primeiro golpe é crítico.

O elemento surpresa é fundamental para desferir um primeiro golpe bem-sucedido. Se um dos lados estiver ciente da intenção e do plano de seu inimigo, uma potência igual alertará suas forças e as concentrará para derrotar ou desviar o golpe. Durante o século XX, a maioria dos principais conflitos entre pares foi envolta em surpresas. A invasão alemã da França através da Bélgica na Primeira Guerra Mundial não foi prevista pelos franceses, assim como o ataque alemão na França pelas Ardenas na Segunda Guerra Mundial. Os japoneses esconderam sua intenção de atacar Pearl Harbor operacional e diplomaticamente, realizando negociações de paz com os Estados Unidos nas horas anteriores ao ataque. Os

alemães esconderam sua intenção de invadir a União Soviética em 1941, mesmo enquanto reuniam suas forças. Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha conseguiram confundir a Alemanha quanto ao local da invasão da França, embora estivesse claro para todos que um ataque estava por vir.

Assegurar o elemento surpresa não garante a vitória final, é claro, mas, nesses casos, a surpresa garantiu que o ataque inicial não terminou antes do início da guerra. Quando a Rússia iniciou sua guerra com o Japão em 1905, Moscou enviou uma frota de São Petersburgo ao Japão para derrotar sua marinha e obrigar a um acordo político. A Rússia não escondeu nem a partida nem o destino. A marinha japonesa foi implantada e esmagou a frota russa. Portanto, embora a surpresa não garanta nada, a sua ausência torna a vitória no golpe inicial extremamente difícil.

As posições chinesa e americana no Pacífico Ocidental dão uma sensação de uma condição de quase guerra. É improvável que os Estados Unidos iniciem uma guerra. Seu interesse é manter a opção de bloquear o transporte pelos portos orientais da China. Está satisfeito em manter essa posição. Os chineses enfrentam uma situação em que os Estados Unidos têm a opção de prejudicar a China e não podem contar com a moderação americana. As circunstâncias são tais que a China tem que chegar a um acordo político com os Estados Unidos, aceitar sua vulnerabilidade ou iniciar hostilidades.

Pode escolher duas estratégias para reter o elemento surpresa. Proteger a intenção de travar a guerra é sempre melhor, enquanto proteger o movimento de abertura de uma guerra sabidamente provável é o segundo. O último pode ser muito eficaz se o invasor estiver pronto para explorar o sucesso.

A China não deu a conhecer suas intenções, mas criou um ambiente em que uma guerra por ela iniciada é uma possibilidade real se os Estados Unidos não mudarem sua posição diplomática ou militar. A criação de tal postura custa à China uma dimensão de surpresa. Os EUA concentraram força militar substancial na China, tornando a iniciação pela China mais difícil. Por outro lado, os EUA já se posicionaram em uma postura perigosa para a China e, sejam quais forem as suas intenções, a China não pode ter como certo que os EUA não pretendem ações hostis. A China teve que desdobrar força de qualquer maneira, então a possibilidade de guerra não é estranha a nenhum dos lados. Os indicadores de guerra são valiosos diplomaticamente. Eles podem convencer os Estados Unidos a mudar sua postura militar e sua posição sobre as relações econômicas, não tanto por medo da China, mas porque as questões podem não importar tanto para os EUA. A febre da guerra pode forçar uma reavaliação, e os EUA têm mais espaço para manobra do que a China.

A China fez algo estranho. Indicou o ponto de início da guerra – Taiwan – e colocou em prática uma força que teoricamente poderia tomar Taiwan. Anunciar o alvo específico é tão perigoso quanto os japoneses deixarem a frota dos EUA saber que Pearl Harbor era o alvo. Atacar Taiwan envolve uma operação anfíbia que requer uma força limitada pela capacidade anfíbia (sempre inadequada, como visto na Normandia), e então deixar essa força para enfrentar o inimigo enquanto reforços e um transporte contínuo de suprimentos cruzam 100 milhas de mar possivelmente sob ataque aéreo e de mísseis dos EUA.

É muito estranho revelar o local do início da guerra, e mais estranho ainda porque este local é tão vulnerável à ação inimiga quanto a Normandia. Na verdade, os aliados empreenderam a Operação Fortitude, que foi projetada para convencer a Alemanha de que a invasão estava acontecendo em qualquer lugar, menos de onde veio. Eles não informaram o local da invasão, como fez a China, mas arriscaram tudo para manter o local em segredo.



Estrangulamento marítimo da China (Fonte: Geopolitical Futures).

A constante reafirmação da China de suas intenções em relação a Taiwan, incluindo ocasionalmente detalhes de como tal invasão poderia ser executada, são bizarras em seu valor nominal. Não é bizarro, no entanto, supor que os Estados

Unidos não travarão uma guerra por isso. Nesse caso, a obsessão de Pequim por Taiwan é simplesmente parte da estratégia geral de convencer os Estados Unidos de que a guerra é provável, a menos que os Estados Unidos mudem de posição. Nessa função, Taiwan faz todo o sentido.

Também faz sentido de outra maneira. A China se sente obrigada a iniciar um conflito, mas o objetivo não é a própria Taiwan, que é considerada uma pista falsa. Tomar Taiwan não resolveria o problema estratégico da China. O problema é que uma série de ilhas do Japão a Singapura, incluindo Índia, Vietnã e Austrália, estão formalmente alinhadas com os Estados Unidos ou compartilham cooperação informal por hostilidade à China. Essa corda cria uma linha de pontos de estrangulamento que bloqueiam o acesso da China aos oceanos globais. Manter Taiwan criaria uma lacuna maior em um local, mas em condições de guerra, seria uma passagem perigosa para navios mercantes.

É, no entanto, difícil imaginar outro ponto que resolveria o problema estratégico da China sem incorrer em todos os problemas que uma invasão de Taiwan teria. Se pudesse puxar a Indonésia e as Filipinas para uma aliança, abrir-se-ia uma lacuna que os EUA teriam dificuldade em bloquear e não poderia ser bloqueada sem uma guerra que envolveria combate terrestre. Nenhum dos países indicou interesse em cair na esfera de influência chinesa.

Uma invasão de Taiwan faz pouco sentido, acima de tudo, porque a possibilidade de fracasso é grande. A ideia de que o foco em Taiwan é projetado para desviar a atenção dos Estados Unidos não funciona. Os preparativos para um ataque anfíbio em grande escala são maciços, exigem muito tempo e são difíceis de passar pelas capacidades de reconhecimento dos EUA.

A partir disso, podemos deduzir que o foco em Taiwan se destina a aumentar a sensação de guerra iminente e moldar os cálculos dos EUA e de seus aliados. É possível que a China pretenda, em vez disso, um conflito em larga escala cobrindo todo o Pacífico Ocidental, no qual a China aposta tudo. Mas a China não precisa apostar tudo.

A única possibilidade que resta é que a China esteja se preparando para uma negociação com os Estados Unidos. A competição começou inicialmente porque os EUA exigiam igualdade de acesso ao mercado chinês e o fim da manipulação do yuan. A China não conseguiu concordar com nenhum dos dois, e a sensação de hostilidade é provavelmente tanto para consumo doméstico quanto americano. A sensação de guerra foi alcançada, mas os indícios de guerra são difíceis de ver, mesmo se você olhar de perto. Isso deixa um acordo político.

****George Friedman** é analista geopolítico e estrategista de assuntos internacionais mundialmente reconhecido. É fundador e presidente da Geopolitical Futures, um think tank especializado em relações internacionais e política externa americana. É autor de diversas obras, dentre as quais os best-sellers “Os próximos 100 anos” e “A próxima década”.*
